

A PALAVRA E O RITO

I. Elementos fundamentais da celebração litúrgica

A celebração litúrgica assenta, em princípio, em dois elementos: a *palavra* e o *rito*, o dizer e o fazer. Todo o nosso mundo interior, que é o pensar, o querer e o sentir, só pode exprimir-se, dizer-se, fora de nós e ser transmitido aos outros pela palavra e pelos sinais. No entanto, se bem reflectirmos, a palavra já é um sinal, e o sinal também, em certo modo, é palavra; ambos dizem, ambos significam o que está dentro de nós e que nós queremos exprimir para o transmitirmos aos outros.

Estes dois elementos, tão humanos, são também os elementos fundamentais de toda a celebração litúrgica, enquanto ela é uma *acção*. A liturgia são, de facto, as celebrações, as acções litúrgicas. O mistério que a liturgia celebra exprime-se necessariamente nesta linguagem humana da palavra e do sinal, do rito, em continuidade aliás com o próprio mistério da encarnação do Verbo de Deus.

Ora, sendo este nosso Encontro de Pastoral Litúrgica orientada para a articulação entre Liturgia e Pastoral da Fé, pareceu dever reflectir-se sobre estes dois elementos fundamentais da acção litúrgica, que são, como vimos, a palavra e o rito, pois que da compreensão e utilização dos mesmos na celebração litúrgica poderá depender, em grande parte, a educação e o crescimento na fé nos que participam da liturgia e dela vivem para além da celebração.

a) *A palavra*

A *palavra* é a expressão vocal que damos ao nosso pensamento. Antes de ser voz na boca, a palavra já existia no pensamento.

Dizendo palavras, manifestamos aos outros o que temos no pensamento. A palavra é, de facto, o primeiro processo, processo maravilhoso, de nos exprimirmos. Mas a sua expressão dirige-se mais directamente à inteligência. Procura primariamente comunicar ao outro o nosso pensamento. Apenas precisa da língua de quem fala e do ouvido de quem escuta. Apesar de maravilhoso, a palavra, por si só, é um meio um tanto austero, por vezes até fatigante. Quando muito, para a tornarmos mais expressiva, lançamos mão de certos recursos que vão como que enriquecer a palavra e dar-lhe um revestimento que a torne mais perceptível, como, por ex., o gesto e sobretudo a música. O canto amplia a palavra e como que faz desabrochar, em música, toda a riqueza sonora que já nela andava contida, como desabrocha a flor ao calor do sol, segundo a comparação de Sertillanges.

Diria até que a palavra tende espontaneamente a tomar corpo, a tornar-se visível, a encarnar. E foi assim que o Filho de Deus, Aquele que em Deus é a expressão do seu pensamento e que S. João, à maneira dos Gregos, chamou, por isso mesmo, a Palavra, o Verbo, o Logos, foi assim que “o Verbo Se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). Não bastava, para nós, que Ele fosse Palavra; convinha que a Palavra Se fizesse carne, Se tornasse sinal que não falasse apenas à inteligência dos homens, mas como que lhes entrasse pelos olhos, Se tornasse Palavra visível e não apenas audível, e capaz de ser tocada pelas mãos humanas, como diz S. João, falando precisamente do Verbo encarnado: “O que as nossas mãos tocaram” (I Jo 1,1).

A palavra é elemento fundamental de toda a liturgia, como o foi em toda a história da salvação: “Muitas vezes e de muitos modos Deus falou...” (He 1,1). Pela nossa própria experiência litúrgica sabemos muito bem o lugar excepcional que a palavra ocupa na celebração. Mas também na liturgia a palavra tende a encontrar continuidade e como que complementaridade nos sinais, naquilo a que passo a chamar o *rito*.

b) *O rito*

A palavra *rito* pode ter vários sentidos, mesmo em liturgia. Aqui vou usá-la principalmente no sentido de *sinal*, de *acção* sagrada,

como, por ex., o *banho de água* no Baptismo, a *imposição das mãos* na Confirmação, na Penitência, na Eucaristia, na Ordem, a *unção* com o Óleo santo na Confirmação e na Unção dos Doentes, a *refeição* na Eucaristia, etc. Chamo-lhe *rito*; poderia dizer simplesmente *sinal*, talvez mesmo *símbolo*. O que neste momento pretendo é simplesmente confrontar, pôr em paralelo, a *palavra* e o *rito* em liturgia, a palavra que se *diz* e o rito que se *faz*.

A palavra, como vimos, já é, em certo sentido, um sinal. Mas o rito, o sinal-acção, pertence a uma outra ordem, diferente da da palavra. Enquanto que a palavra fala sobretudo à inteligência e comunica uma noção, uma ideia, o sinal dirige-se principalmente à sensibilidade e desperta o afecto. A palavra faz nascer no outro um pensamento; o sinal gera nele um sentimento, toca-lhe na afectividade, diria mesmo, fala-lhe ao coração. Coração não exclui aqui, de maneira nenhuma, a inteligência, o pensamento, o equilíbrio mental, mas dilata esse pensamento, abre o interior do homem ao que está para além do âmbito do pensar; leva-o a querer, impele-o a amar. O sinal diz mais do que a simples palavra, diz aquilo que a palavra não conseguiu exprimir. Faz compreender, não apenas com a inteligência, mas com o homem todo. Palavra e rito, duas maneiras do homem se exprimir e de se comunicar, que se completam, que se prolongam uma na outra, que fazem caminhar desde o dizer ao fazer, desde o pensar ao sentir, desde o possuir na inteligência até ao comungar com o coração.

c) *Relação entre palavra e rito*

Na linha do que acabámos de expor estão, por ex., os Sacramentos. E foi o próprio Senhor Jesus que assim quis que fosse. Na véspera da sua morte, falou prolongadamente com os discípulos, disse-lhes belíssimas últimas palavras, das mais comoventes, e tão íntimas que os discípulos sentiram o coração a abrir-se-lhes, a ponto de Lhe dizerem: “Agora falas abertamente e já não usas linguagem enigmática” (Jo 16,29). Parece, pois, que a palavra teria sido bastante. E, depois, toda aquela tragédia da prisão, da condenação à morte, da crucifixão no

Calvário, parece que teria sido bastante para eles nunca mais esquecerem nem aqueles momentos, nem sobretudo Aquele que lhes falara e depois assim morria. Todavia, Jesus, que era a Palavra, mas feita carne, tomou o pão, tomou a taça com vinho, deu graças, entregou-lhos e disse: “*Fazei isto em memória de Mim*” (Lc 22,19). “*Fazei!*” Não bastava a palavra, não bastava que eles soubessem; era preciso que eles fizessem. Além da palavra era necessário o rito, para que a palavra se não calasse após ter sido dita, mas ficasse a ecoar, a ser vista, presenciada, tomada, comida e bebida, para ser mais interiorizada e fosse mais fundo do que a inteligência; era preciso que ela fosse entendida e guardada no coração. O rito completava a palavra.

d) *A palavra e o rito na acção litúrgica*

A liturgia são as acções litúrgicas. São acções. É esta uma afirmação constante nos textos do Concílio. A liturgia contém ensinamento e é uma fonte de espírito missionário; mas a liturgia não é primariamente catequética, nem directamente missionária. A liturgia é celebração; é, por isso, uma acção. Nesta acção são elementos basilares os dois que temos estado a descrever: a palavra e o rito. Estes dois elementos vêm a completar-se um ao outro. Não se substituem um pelo outro, não se opõem, não se contradizem. Integram-se um no outro, como dois componentes de um mesmo corpo. A palavra faz, dizendo; o rito diz, sendo feito. A palavra sem o rito poderia ficar inacabada; o rito sem a palavra pode tornar-se equívoco. Por isso, a celebração recorre constantemente a estes dois elementos: à palavra e ao rito.

No caso dos sacramentos, todos eles são hoje celebrados juntando ao rito a palavra. Olhemos, por ex., para o Baptismo: a liturgia da palavra antecede a liturgia baptismal. A palavra diz, revela, anuncia o mistério celebrado; e logo o rito, o sinal, que no caso é o banho da água, faz, realiza o que a palavra acabou de proclamar. E assim nos outros sacramentos, como no mais frequente para todos nós, a Eucaristia.

Foi este um dos grandes valores reencontrados pela recente reforma da liturgia, o lugar dado à palavra de Deus e a sua articulação com os ritos sagrados. Tinha-se generalizado a tendência para reduzir a liturgia ao rito, deixando para segundo lugar a palavra, ou mesmo prescindindo dela por completo, o que era grave, sobretudo na celebração dos sacramentos. A celebração do rito sem a palavra tinha deixado lugar para o ritualismo, por vezes mecânico e quase mágico. Não o rito, mas a concepção que dele se fazia.

Palavra e rito, dois elementos que é preciso unir, na unidade de uma só e mesma acção celebrativa. Nem vale perguntar qual dos dois é mais importante. São ambos importantes, ou melhor, os dois não fazem senão uma unidade, certamente toda ela bem importante. Num passado recente, assistimos, no caso da Missa, a uma dissociação tal entre a liturgia da palavra e a liturgia eucarística que se chegou a considerar “Missa inteira”, como reza o preceito da Igreja, apenas a liturgia eucarística, relegando para um lugar absolutamente secundário a da palavra. É por isso que o Concílio, ao falar da liturgia da Missa, insiste em que “as duas partes de que, por assim dizer, a Missa se compõe, ou seja a liturgia da palavra e a liturgia eucarística, se articulam uma com a outra tão estreitamente que fazem um só acto de culto” (SC 56), afirmação que o Missal retoma na sua Instrução Geral ao dizer: “A Missa consta, por assim dizer, de duas partes: a liturgia da palavra e a liturgia eucarística” (IGMR 8). Aquele “por assim dizer” quer, por um lado, sublinhar a importância de cada um dos dois elementos, e, por outro, impedir que se volte a separá-los ou até a contrapô-los, como já anteriormente havia sucedido.

Temos falado de liturgia da palavra e de liturgia do rito como de duas realidades, cada uma delas completas em si mesmas, porque temos estado a falar de cada uma delas consideradas na sua globalidade. Mas devemos observar que a liturgia da palavra também se faz usando certos ritos, ritos menores, sem dúvida, e que a liturgia dos diversos ritos também se não celebra sem recorrer à palavra. Na liturgia da palavra, os pequenos ritos servem para pôr em relevo a palavra, como quando o livro das leituras é transportado solenemente logo na procissão da entrada ou quando o leitor se encaminha com ele para o

ambão para fazer a leitura no meio de luzes e acompanhado de incenso; por seu lado, os ritos são também normalmente acompanhados de uma palavra que lhes dá o sentido próprio e lhes tira todo o equívoco em que poderiam incorrer sem essa palavra, palavra que, em certas circunstâncias, como no caso dos sacramentos, chega a ser essencial para que o rito seja completamente válido. Observemos aquele gesto de apresentar o pão sagrado aos comungantes antes da comunhão, gesto já de si bem expressivo, mas que adquire uma clareza total, porque acompanhado da palavra que sublinha e completa o sentido do gesto: “Eis o Cordeiro de Deus...”. Poder-se-ia apresentar simplesmente o pão consagrado, como se faz, por ex., no momento da elevação ou da benção com o Santíssimo Sacramento; mas aquela palavra torna mais claro o sinal: “Eis o Cordeiro de Deus”.

Se os elementos fundamentais da liturgia são a palavra e o rito, não pode haver dúvida de que a recta compreensão de um e de outro, da sua articulação mútua e da sua celebração verdadeira constituem momentos privilegiados para a educação da fé de quem participar na sua celebração.

II. Presença e celebração da palavra na liturgia

Apesar de não se dever dar nem à palavra nem ao rito uma autonomia que os oponha ou, muito menos, os exclua, como dissemos, apesar de cada um deles ocupar o seu lugar próprio e a celebração de cada um deles seguir a sua estrutura específica, analisemos todavia um pouco mais cada um desses momentos da celebração.

a) Importância da palavra de Deus na celebração litúrgica

A importância da palavra de Deus na celebração litúrgica foi agora, de novo, inculcada pelo Concílio, certamente porque ela andava bastante esquecida. Começemos por recordar o número 24 da Constituição sobre a Sagrada Liturgia. Diz assim: “É enorme a impor-

tância da Sagrada Escritura na celebração litúrgica. A ela se vão buscar os textos para a leitura e explicação na homilia e os salmos para cantar; com o seu impulso e da sua inspiração nasceram as orações, preces e hinos litúrgicos: dela tiram a sua capacidade de significação os sinais e as acções sagradas” (SC 24). E mais adiante: “Para apresentar aos fiéis, de maneira mais rica, a mesa da palavra de Deus, abram-se mais largamente os tesouros bíblicos, de modo que seja lida ao povo, num determinado espaço de anos, a parte mais importante da Sagrada Escritura” (SC 51). Bastariam estes dois números para se ver a importância que a Igreja dá à palavra de Deus na celebração da liturgia.

De facto, a palavra de Deus é o ponto de partida de toda a liturgia: ela congrega o povo na assembleia celebrante, ilumina-o e fá-lo crescer na fé, revela-lhe cada vez mais o mistério que constitui o objecto da celebração, oferece-lhe as palavras nas quais o próprio Deus é escutado e com as quais o povo responde ao Senhor que lhe falou, inspira-lhe a oração e dá-lhe o sentido cristão dos sinais. A palavra de Deus é, assim, primeiro a palavra que Deus dirige aos homens, para se tornar logo a palavra com que o homem se atreve a falar a Deus. Não fora ela palavra de Deus, e a celebração não passaria de palavroso discurso humano. Assim, a celebração é acção de Deus em favor do seu povo e nela continua a ser verdadeira aquela palavra do salmo: “Deus disse e tudo foi feito” (Sl 148).

b) *Lugar da palavra de Deus na celebração litúrgica*

Sempre a palavra de Deus ocupou lugar fundamental na liturgia, já desde o Antigo Testamento. Basta ler as passagens referentes às grandes assembleias de Israel, como, por ex., aquando do regresso do exílio: regressados a Jerusalém, Esdras, o escriba, manda erguer um estrado bem alto na praça que ficava diante da Porta da Água e mandou ler no livro da Lei, desde a manhã até ao meio dia, na presença dos homens, mulheres e crianças que fossem capazes de compreender. O povo escutava, de ouvidos bem atentos, Esdras bendisse ao Senhor

e todo o povo respondeu, levantando as mãos: "Amen, amen". E assim se fazia a renovação da aliança (Cf. Ne 8).

No princípio da sua vida pública, vamos encontrar Jesus na sinagoga de Nazaré, a participar numa assembleia no dia de sábado, a qual segue o mesmo esquema. Depois da leitura da Lei, Jesus foi convidado a ler os Profetas. A partir da leitura fez a homilia.

Na primeira descrição da celebração da Missa que chegou até nós, S. Justino (+ 165) diz que se liam as Memórias dos Apóstolos, que ele explica serem os Evangelhos, e os Escritos dos Profetas, antes da celebração da Eucaristia. Dou estas rápidas referências só para tomar alguns exemplos da tradição litúrgica.

Nesta recente reforma litúrgica, a palavra de Deus recebeu nova valorização, como já referi, pela abundância e variedade dos trechos apresentados, pela distribuição dos mesmos ao longo dos tempos litúrgicos, pela restauração de elementos que se tinham perdido na celebração, como seja o salmo a seguir às leituras, e, condição de primeira importância para que a celebração possa ser verdadeiramente acção do povo de Deus, pela admissão da língua vernácula.

De uma maneira geral, a liturgia da palavra celebra-se hoje em duas situações diferentes: uma, a mais frequente, na celebração dos vários ritos, especialmente dos sacramentos, como na Eucaristia; outra, isoladamente, isto é, em razão de si mesma, separada de qualquer outro rito. Quanto ao primeiro caso, hoje não existe, em princípio, nenhum rito que não suponha a celebração da palavra. Se, por acaso, isso não venha a acontecer, por qualquer razão particular, essa celebração, por mais simples que seja, como no caso de uma bênção ocasional, essa celebração ficará muito empobrecida e sempre mal apresentada; ficará como que inexplicada e, conseqüentemente, menos compreensível.

Quanto ao segundo caso, a celebração da palavra pode existir por si mesma, como tempo de oração da assembleia, sem que se lhe siga nem a Eucaristia nem outro qualquer rito sagrado. O caso mais frequente é a celebração da Liturgia das Horas, verdadeira celebração que a comunidade cristã faz unicamente em volta da palavra de Deus, cantada, lida, meditada, rezada. Deveria até ser esta a celebração mais

frequente entre o povo cristão, para que ele assim desse realização ao mandamento frequente na Sagrada Escritura: "Orai sem cessar". Os sacramentos e os outros ritos celebram-se quando for necessário e oportuno; a oração é de todas as horas e para isso existe a Liturgia das Horas.

Mas, sobretudo depois da reforma litúrgica recente, entrou em uso outra forma da celebração da palavra, aconselhável em determinadas ocasiões especiais, mas sempre possível, e que se estrutura como a liturgia da palavra na Missa. No fundo, ela não se afasta muito da tradicional celebração das vigílias, como facilmente se conclui observando sobretudo a Vigília pascal.

c) *Estrutura e dinamismo da celebração da palavra*

A celebração da palavra, quer seja na Missa, quer seja desligada de qualquer outro rito, segue uma estrutura própria, que é já, de si, uma escola de educação da fé.

A celebração da palavra consta dos seguintes elementos fundamentais: leitura, canto e oração. De maneira mais ou menos clara, a liturgia da palavra segue sempre este esquema. Ele contém uma lógica interna e um dinamismo teológico fundamental. Na *leitura*, Deus fala ao seu povo. Deus tem sempre a iniciativa, nem o homem poderia dirigir-se a Deus em oração, se Deus primeiro não lhe tivesse falado em revelação. Deus está sempre no princípio, e todo o movimento que do homem parte para Deus é sempre resposta a Deus que primeiro lhe falou. Por isso, a celebração começa sempre pela leitura. É exemplo típico a celebração da Paixão do Senhor em Sexta-feira Santa. Podem existir certos pequenos ritos iniciais antes da leitura, como acontece na Missa, mas trata-se então de ritos de abertura, como que para instalar a assembleia no lugar e nas disposições próprias de quem se encaminha para a celebração.

Depois da leitura, segue-se o *canto*, que é normalmente o de um *salmo*. O salmo, que é também palavra de Deus no sentido próprio e original, é já resposta à palavra escutada na leitura, ao mesmo tempo que continua a ser escuta interiorizante dessa mesma palavra. Esta escuta-resposta faz-se em forma lírica, num movimento afectivo, como

é próprio da poesia e do canto. Os salmos são poesia para ser cantada, que bem quadra ao diálogo da oração. A maneira de cantar o salmo é normalmente a forma responsorial, isto é, aquela em que aos versículos cantados pelo salmista a assembleia responde com um refrão. Poderia ser também a que a tradição chamou *tracto*, em que a assembleia escuta em silêncio o salmista, interiorizando as palavras do texto que ele vai cantando.

Por fim, é o tempo de *oração*. Depois que Deus falou e o homem escutou e guardou no coração a sua palavra, pode este agora falar a Deus. Assim, a palavra que desceu de Deus ao homem em revelação, retorna agora do homem a Deus em oração. É este aliás o movimento de toda a celebração litúrgica, que é sempre diálogo entre Deus e o seu povo, como é igualmente o movimento de toda a história da salvação, e, em particular, do mistério pascal, movimento que Jesus, no fim da sua vida, resumiu deste modo: “Saí do Pai e vim ao mundo; agora deixo o mundo e volto para o Pai” (Jo 16,28).

Este esquema encontra-se ainda em estado puro na Vigília pascal, onde ele se vai repetindo até sete vezes; mas é ainda o mesmo esquema que se encontra, embora menos claro, em qualquer liturgia da palavra, mesmo na Missa, e até em qualquer Hora do Ofício divino, onde, depois da salmodia coral, surge sempre uma pequena celebração da palavra deste tipo: leitura breve, responsório breve (ou versículo), oração. É que é este o ritmo do diálogo cristão entre Deus e o seu povo, e não há outro: escutar e responder a Deus. É neste diálogo que a fé se recebe e se exprime e se alimenta e se educa. Por isso, esta análise que temos estado a fazer não tem como fim a exposição, um tanto escolar, em si mesma; ela ensina antes como a fé do cristão nasce da palavra de Deus e se exprime na oração a Deus, num movimento que é próprio da fé cristã. Oração com outro ritmo, com outra inspiração, pode não chegar a ser verdadeiramente cristã.

Se a liturgia é “a fonte primária e indispensável do espírito verdadeiramente cristão”, como disse S. Pio X, e, se a palavra de Deus é elemento fundamental na liturgia, a celebração da palavra é certamente momento privilegiado na pastoral da fé do povo cristão; é elemento importante, verdadeiro, sadio: indispensável!

III. O rito

O outro elemento fundamental da celebração litúrgica é, como dissemos, o *rito*, o sinal, o símbolo. Com ele, passamos do *dizer* ao *fazer*, da palavra *dita* à palavra *feita*. Toda a celebração litúrgica é uma acção, uma acção sagrada; mas aqui referimo-nos particularmente ao que na acção litúrgica é o sinal, o gesto; vamos chamar-lhe mesmo o símbolo.

a) *Sinal e símbolo*

Todo o sinal, pelo facto de o ser, ultrapassa sempre o seu aspecto imediato. Se vejo um sinal de trânsito na estrada, por ex., um triângulo de vértice para baixo, não me fico a dizer: “aquilo é um triângulo em tal posição”. Isso é o que ele é materialmente falando, como figura geométrica colocada daquela maneira. Mas, se o entendo *como sinal*, entendo também o que ele quer significar, e digo: “vai aparecer uma estrada com prioridade sobre esta em que eu vou, e, por isso, vou tomar as devidas precauções. Aquele triângulo não é apenas uma figura geométrica; é um sinal de trânsito. Mas, como tal, é apenas um sinal *convencional*; tem aquela significação porque assim se combinou que fosse. É um sinal que apenas serve para fornecer uma informação; nem por si mesmo, ele realiza coisa alguma. Mas, se eu, ao chegar ao Santuário de Fátima, vir uma família a descer o recinto com uma vela acesa na mão, compreendo que se trata também de um sinal, mas não de um sinal puramente convencional, nem de um sinal para informar; ele é um sinal proclamativo de o estado de alma de uma família, no caso, de uma atitude de fé, que não pode ficar escondida no coração, mas quer ser dita e proclamada para exprimir mais do que um instrumento de iluminação, como é a vela acesa, naturalmente exprime. Quer proclamar uma atitude de fé e de acção de graças. As circunstâncias envolventes o indicam; e, se aquela família for a cantar ou a recitar uma oração, aquelas palavras desfazem qualquer equívoco: aquele sinal é um rito sagrado. É então um sinal mais rico na sua significação do que o triângulo na berma da estrada.

Mas, se aquela família levar uma criança nos braços para ser batizada, entrar no baptistério do Santuário e se começar a celebração do Baptismo, e a certa altura, no momento mesmo do Sacramento, o ministro fizer passar a criança pela água baptismal com as palavras previstas para o rito, então eu digo que aquele banho de água foi um sinal que fez renascer um filho de Deus, foi um sinal que realizou aquilo que significava; foi um sinal que disse e fez o que dizia. Este sinal foi um verdadeiro *símbolo*. Aquele sinal, o banho de água e as palavras que o acompanhou, foram afinal o elemento sensível da realidade invisível que por eles se realizou. A realidade invisível é uma acção divina, o nascimento de um filho de Deus; o elemento sensível é o rito baptismal. O conjunto é um sacramento, um sinal sagrado, um símbolo, no caso, o Baptismo.

Há quem utilize as palavras *sinal* e *símbolo* com outros sentidos; aqui chamamos símbolo a um sinal que não só significa outra coisa para além do que nele é visível, mas que realiza aquilo mesmo que ele significa. Símbolo não quer portanto dizer uma coisa que não é real, mas que a realidade nos é tornada presente nas aparências do sinal. Há símbolos e símbolos; há símbolos maiores e símbolos menores. Aos símbolos maiores da liturgia chamamos *sacramentos*. Se bem reflectirmos, compreenderemos que todo o mundo invisível, como o mundo de Deus e das coisas divinas, só se pode exprimir por meio de sinais, e a sua presença e acção só se pode manifestar em símbolos. Por isso, todo o mundo da liturgia é constituído por sinais e símbolos; ela não é de ordem natural, mas sacramental. Por isso, sempre que se pretende entender a linguagem dos ritos litúrgicos, sobretudo dos sacramentos, particularmente da Eucaristia, de uma maneira naturalista, acabamos por não entender o que é a celebração litúrgica e criamos interpretações fantasistas, como aconteceu quando se pretendeu, nos séculos passados, ver na celebração da Missa a descrição histórica da Paixão. A liturgia é toda ela de ordem sacramental. No centro de toda ela, está o Sacrifício e os outros Sacramentos, como expressamente o diz o Concílio (SC 6). Para bem os celebrar e neles participar, é necessário entender toda a sua simbologia, bem como para deles fazer a catequese exacta e verdadeira.

Por vezes, há quem fale também de símbolos litúrgicos ao falar dos vários sinais secundários usados na liturgia, como a luz, o incenso, as cores das vestes, as flores, etc. No sentido que acabamos de expor, não se lhes deveria chamar símbolos; nem eles o são, pelo menos no sentido que acabamos de expor. Em qualquer caso, esses sinais menores podem ter significações muito desiguais, e sobretudo são muitas vezes usados com interpretações muito diferentes, por vezes até, muito superficiais. Seria errado pensar que a liturgia lança mão de todos estes sinais, por vezes, de muito mau gosto, para com eles significar as atitudes mais profundas da fé cristã. O uso e abuso destes sinais secundários aparece normalmente em épocas decadentes na liturgia, como sucedeu a partir do segundo milénio, e, ao lado de muita intenção piedosa mas mal esclarecida, serve também para incrementar atitudes de superficialidade nos fiéis. Aquelas interpretações fantasistas dos sinais litúrgicos, que não nasceram com essas significações, são o que se chama interpretações alegorizantes. A reforma litúrgica tenta acabar com elas.

b) *Interpretação bíblica dos símbolos da liturgia*

Se é precisa uma educação apropriada para receber correctamente a palavra de Deus, porque as palavras do Senhor “são espírito e vida” (Jo 6,63), também os símbolos litúrgicos, e sobretudo estes, só poderão ser verdadeiramente simbólicos, isto é, acolhidos verdadeiramente como símbolos, quando recebidos na fé, o que significa à luz da palavra de Deus. É por isso que os grandes símbolos litúrgicos, particularmente os que entram na celebração dos sacramentos, vêm sempre acompanhados da palavra, que os introduz, os explica e como que os gera, pois que também neles a palavra se encarna. Esta palavra está sintetizada na chamada fórmula sacramental, mas inspira, de maneira mais analítica, as grandes orações consecratórias, que normalmente envolvem os ritos dos sacramentos e de certos sacramentais mais importantes. É por isto que toda a ausência da palavra na celebração dos sacramentos ou a sua imperfeita utilização desfigura o rito sacramental, esvazia-o da sua completa significação; se fosse total, torná-lo-

-ia até ineficaz; em qualquer caso, geraria interpretações puramente alegorizantes ou mesmo falsas, por vezes até mágicas.

Os sinais litúrgicos não são meros sinais convencionais. Se uso a água no Baptismo ou o pão e o vinho na Eucaristia, não é simplesmente porque se combinou que assim se fizesse. Os sinais litúrgicos têm por trás do seu uso histórico uma aptidão natural, por isso que são sinais humanos, anteriores a toda a convenção. Mas seria diminuí-los, e, no que se refere aos sinais sacramentais, seria até destruí-los, esvaziá-los, torná-los não simbólicos, se os entendêssemos apenas na sua significação natural. Estes sinais são utilizados na liturgia como sinais de fé; são também eles linguagem da fé e foram recebendo a sua significação litúrgica através da história, mas da história da salvação. Por meio deles se foi concretizando também a “economia da salvação”; ora, a história desta economia encontra-se na Bíblia, na Sagrada Escritura. Por isso, a significação total dos símbolos litúrgicos tem de ser procurada na palavra de Deus que está nas Escrituras. É lá que a liturgia vai procurar a interpretação última desses sinais, e é com as próprias palavras da Bíblia ou com as referências a ela que a liturgia nos apresenta os grandes sinais com que celebra o mistério da salvação.

Observemos alguns desses sinais. Voltemos ao Baptismo. Que é o Baptismo, enquanto rito litúrgico? “O banho de água que a palavra acompanha”, diz S. Paulo (Ef 5,26). Essa palavra está como que resumida na fórmula que acompanha o rito e que o ministro pronuncia, fórmula que aliás variou ao longo das idades. Não fora essa ou outra palavra, e o gesto da água ficaria sem sentido. Mas não é só essa fórmula “essencial”, reduzida a poucas palavras, que me explica completamente o sentido bíblico daquele rito. Antes do banho baptismal há o que se chama a *benção da água*. Essa longa e belíssima oração faz, em linguagem de oração de louvor, a evocação da água e do seu uso ao longo da história da salvação, isto é, evoca os passos em que se vê Deus a servir-se da água ao vir ao encontro dos homens para os salvar, até chegar ao momento presente, aquele em que nós ali estamos, para pedir que, de novo, por meio da água, se renove, agora, no meio de nós, a mesma graça de salvação em favor daquele que vai ser baptizado, pelo poder do Espírito Santo. Se não fosse a acção do

Espírito de Deus, nunca, nem no presente nem no passado, aquele rito realizaria qualquer efeito salvífico. Aquela oração de *benção* não se dirige à água, mas a Deus, para O *benz*izer pelas acções de salvação que Ele tem realizado por meio da água, e Lhe pedir que continue a realizá-las, no meio dos homens de hoje, agora ali também. Aquela oração é muito importante para entender o sentido do rito do Baptismo. É a ela que se há-de ir buscar uma das melhores explicações do rito baptismal, e é por isso que actualmente se deve fazer essa benção na própria ocasião da celebração do Baptismo, excepto no Tempo pascal. Essa oração faz parte integrante do rito do Baptismo.

O mesmo se há-de dizer dos outros símbolos sacramentais. Não posso, por ex., entender a Eucaristia a partir da simples experiência diária da refeição, em que nos sentamos à mesa para comermos em conjunto, embora este seja um dos aspectos importantes da Ceia do Senhor; temos de ir às fontes bíblicas daquela Ceia e, de maneira mais próxima e imediata, à oração eucarística, que, no essencial, é uma oração de inspiração bíblica. E assim para os outros sacramentos.

É a esta inspiração bíblica que o texto do Concílio acima citado se refere, quando diz: “Da Sagrada Escritura tiram a sua capacidade de significação os sinais e as acções sagradas” (SC 24).

O que acabamos de dizer é verdadeiro sobretudo a respeito do que chamaria os sinais *maiores*, como são os dos sacramentos. Mas há na liturgia muitos outros sinais, a que poderíamos chamar *menores*. Também estes recebem na liturgia uma significação de fé e, se como tais não fossem entendidos, não alcançariam a sua verdadeira significação e poderiam até contribuir para uma grande deseducação da mesma fé, o que não raro acontece. Também esses sinais recebem a sua significação a partir da história da salvação referida na Bíblia ou vivida no contexto litúrgico em que são utilizados e da palavra que os acompanha e deles faz parte integrante. Que seria, no início da Vigília pascal, a marcha atrás de uma vela acesa, se não irrompesse, por três vezes, no meio da assembleia, aquele grito de fé: “Eis a luz de Cristo”, grito que o diácono sublinha elevando ao alto o Círio pascal? Ou que seria o simples sinal da Cruz, tão frequente na vida dos cristãos, se não fosse o acontecimento do Calvário de há dois mil anos? Até o

gesto mais frequente e, por isso mesmo, talvez tão rotineiro, para ser verdadeiro sinal de fé, precisa de ser feito tendo sempre presente a significação que lhe vem do uso bíblico ou litúrgico e, se possível, da palavra de Deus, por breve que seja, que o acompanhe. O uso da água benta esvaziou-se, a maior parte das vezes, de sentido e, por isso, quase caiu em desuso, porque se lhe perdeu a significação. E, como por ocasião das bênçãos, a aspersão com a água benta era o gesto mais sensível e finalmente o único que restou, aconteceu que tal gesto, mais do que sinal de bênção ou mesmo de rito sagrado, caiu em sinal quase mágico e irrisório. Os novos livros litúrgicos, quando falam do uso da água benta nas bênçãos, explicam frequentemente a sua significação: evocação do Baptismo e sinal de penitência.

Quanto mais nobres são os sinais, maior é a degradação a que descem, se se lhes perde a verdadeira significação. Vou referir algumas concretizações em relação à Eucaristia.

Em primeiro lugar, em relação à sua celebração. A celebração da Eucaristia é o rito por excelência da liturgia cristã e dos mais primitivos. Consta ela de uma assembleia de baptizados, presidida pelo Bispo ou pelo presbítero, que faz uma liturgia da palavra de Deus seguida da Ceia do Senhor. Esta consta da proclamação de uma oração eucarística ou de acção de graças e louvor sobre o pão e o cálice com vinho e água, e da participação de todos naqueles elementos eucaristiados, isto é, consagrados pela oração. O rito destina-se a dar cumprimento ao mandato do Senhor Jesus, que, na véspera da sua Paixão, assim o instituiu e mandou aos seus discípulos que assim o fizessem em memória de Si. Em memória de Si significava em memória da sua Páscoa, do seu sacrifício pascal, para oferecer aos seus a possibilidade de nele participarem e assim passarem com Ele deste mundo para o Pai, como Ele passou. Com o tempo, por sucessivas perdas do sentido profundo daquele rito e de cada um dos pequenos sinais ou ritos que o integram, mas pensando sempre na Paixão do Senhor, pela qual aquele sacrifício foi realizado, chegou a olhar-se para o conjunto da celebração, chamada, a partir de certa altura, "Missa", como se ela fosse a representação cénica da Paixão e Morte do Senhor, uma espécie de Via-Sacra com muitas estações. A Missa

(pensava-se e escrevia-se) começava com a entrada de Jesus no Jardim das Oliveiras — quando o celebrante saía da sacristia e entrava na Igreja — e terminava com a pregação dos Apóstolos por todo o mundo — quando, no fim de tudo, o celebrante lia um último Evangelho em posição oblíqua em relação ao altar, como quem estava de abalada. Meditação muito piedosa, e muito válida na ordem da sinceridade religiosa, mas uma deseducação perfeita quanto à celebração da Eucaristia.

Em segundo lugar, quanto ao próprio sentido do mistério eucarístico. Durante muito tempo, a Eucaristia ficou reduzida à chamada presença real. E tudo se orientou quase exclusivamente, e já desde o século XIII, para “ver a hóstia”, como então se dizia. A comunhão quase se não praticava, substituída pelo olhar contemplativo, das espécies eucarísticas, na *elevação* dentro da Missa e na *exposição* fora da Missa, e, quando existia, era tida como acto de piedade e devoção desligada da Missa, tanto no conceito que dela se tinha como no momento em que era recebida, fora da celebração eucarística. Até a própria arquitectura das igrejas revelava incompreensões em relação ao sentido correcto do que deveria ser a celebração, sobretudo a da Eucaristia: o trono sobrepôs-se ao sacrário, o sacrário ao altar; e o lugar da assembleia tornou-se como uma plateia de espectadores! Muita fé, sem dúvida, mas conceitos muito desarrumados, consequência e origem da má compreensão dos sinais usados na liturgia.

CONCLUSÃO

A liturgia não é toda a vida da Igreja, nem o único lugar da educação da fé. O Concílio o diz claramente: Antes da liturgia, é necessária a evangelização e a conversão (cf. SC 9). Mas a liturgia é o vértice e a fonte de toda a vida da Igreja (ib. 10) e é lugar privilegiado para alimentar e educar a vida de fé da comunidade cristã. Também isto é dito claramente pelo Concílio: “Embora a liturgia seja principalmente o culto da divina Majestade, ela encerra também grande valor pedagógico para o povo fiel” (SC 33).

Para que tal aconteça, é necessário, antes de mais, que exista a celebração, que a comunidade cristã se reúna em assembleia, celebre a palavra de Deus, participe na Ceia do Senhor, sobretudo ao Domingo, o dia do Senhor e o dia da assembleia, tudo em oração, que é como quem diz, em diálogo entre Deus e o seu povo, e viva em caridade, movida pelo Espírito Santo.

Mas verificamos que é este mesmo o programa daquela primitiva comunidade de Jerusalém, referida nos Actos dos Apóstolos (Act 2,42 ss). Réencontraremos a vida de fé nas nossas comunidades, reencontrando a vida daquela comunidade, em especial quando ela se reúne na assembleia litúrgica para continuar a ouvir a doutrina dos Apóstolos na palavra de Deus que aí é celebrada, para realizar a fracção do pão no rito eucarístico. O esquema litúrgico é hoje o mesmo de então, como o tem sido sempre. Mas tudo vai da maneira de o realizar e de nele saber encontrar a finalidade de toda a celebração litúrgica: renovar a Aliança que Deus nos oferece em seu Filho Jesus Cristo, aceitá-la e responder-lhe, e nela viver, crescendo dia a dia, Domingo a Domingo, de celebração em celebração, “até ver a Deus em Sião” (Sl 83), como os peregrinos do salmo a caminho do templo do Senhor.

JOSÉ FERREIRA